

Por que manter as escolas adventistas?

Essa é uma boa pergunta, mas que era considerada irreverente e irrelevante pelos primeiros adventistas. Afinal, Jesus não iria retornar em breve? Sendo assim, por que educar as crianças adventistas para um mundo que iria acabar antes que elas crescessem? Aliás, enviar os filhos para a escola não indicaria falta de fé na breve volta de Cristo?

Essa mentalidade levou W. H. Ball, em 1862, a perguntar se seria “certo e coerente para nós que cremos de todo coração na vinda imediata do Senhor, buscar dar educação a nossos filhos?”¹ Perceba que essa pergunta estava sendo feita 18 anos após o desapontamento milerita. Esse vírus da antieducação tinha se implantado firmemente na mentalidade adventista.

A resposta de Tiago White é importante, uma vez que ele argumenta que “o fato de Cristo estar voltando muito em breve não é motivo para que a mente não seja aprimorada. Uma mente bem disciplinada e informada pode melhor receber e compartilhar as sublimes verdades do segundo advento.”² Sua esposa, Ellen G. White, concordou. Dez anos mais tarde, ela escreveu que “a ignorância não aumenta a humildade ou a espiritualidade de qualquer professo seguidor de Cristo. As verdades da Palavra divina podem ser mais bem apreciadas pelo cristão intelectual. Cristo pode ser melhor glorificado por aqueles que O servem inteligentemente.”³

Os primeiros adventistas debatem a questão

Em 1872, no entanto, os White não eram os únicos adventistas interessados na educação formal. Vinte e oito anos haviam se passado desde a decepção milerita e nove anos desde a organização formal da Igreja Adventista do Sétimo Dia. A igreja estava crescendo e precisava de ministros. Os primeiros mileritas estavam envelhecendo, portanto, a igreja precisava treinar futuros líderes. Além disso, no início da década de 1870, a denominação considerava seriamente sua responsabilidade pelo trabalho missionário em terras estrangeiras.

Com essas preocupações em mente, a Associação Geral criou a Comissão Escolar, que apresentou a seguinte declaração, em maio de 1872: “Há pessoas, em todas as nossas fileiras, que têm amadurecido ao longo dos anos, que têm convicções de que deveriam fazer algo para levar avante, diretamente, a causa gloriosa e importante em que estamos envolvidos. Para isso, eles querem, imediatamente, *familiarizar-se de forma completa*

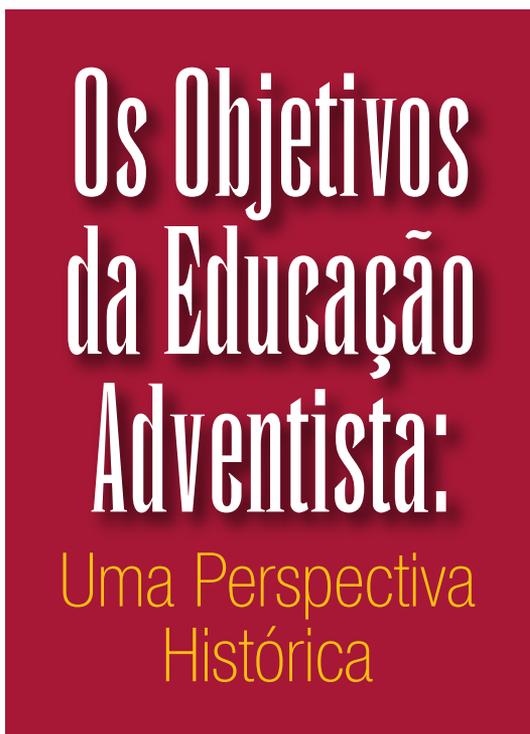
com o ensino da Bíblia, relacionado às grandes verdades que dizem respeito a este tempo.” A Comissão também observou que essas pessoas precisavam de instrução geral para que pudessem falar e escrever de maneira mais eficaz. Como resultado, a denominação estabeleceu uma escola em Battle Creek, com o objetivo de preparar obreiros da igreja “para empunhar essas armas para o avanço da causa.”⁴

Inquestionavelmente, os primeiros líderes da denominação pretendiam que a Escola de Battle Creek treinasse pessoas para pregar o evangelho. Ellen White concordou com este objetivo: “Necessitamos de uma escola”, ela escreveu no artigo “A Devida Educação” (1872), “na qual aqueles que entram no ministério possam pelo menos receber instrução nos ramos comuns da educação e onde aprendam também com mais perfeição as verdades da Palavra de Deus para este tempo.”⁵

Mas a visão de Ellen White sobre os objetivos da educação adventista foi mais ampla do que a de outros líderes da igreja. Assim, em um de seus artigos escritos em 1872, ela abordou a importância da educação, a distinção entre educação e treinamento, a disciplina como autocontrole, a necessidade de uma educação prática e útil e a importância de equilibrar os aspectos mentais e espirituais da educação com o físico.⁶ Em suma, enquanto ela concordava com os mesmos objetivos de treinamento dos obreiros, dos líderes da igreja, ela também introduzia temas que prefiguravam uma educação muito mais ampla. Durante os 30 anos subsequentes, seus escritos elucidaram as implicações de tais objetivos.

Enquanto isso, por volta de 1873, Tiago White e outros líderes denominacionais perceberam a inadequação de sua escola. White escreveu que “não há nenhum ramo deste trabalho que tenha sofrido tanto neste tempo, como a adequada educação de homens e mulheres para proclamar a mensagem do terceiro anjo”. Muito embora, observou ele, “não tenhamos tempo para dar aos alunos um curso completo de educação”, a igreja precisa preparar “os jovens [...] para se tornarem tipógrafos, editores e professores”. Além disso, eles deveriam aprender as “línguas vivas” (em lugar das línguas clássicas mortas), pois temos “uma mensagem [...] que deve ser proclamada a muitas nações, línguas e povos”. Tiago White teve o cuidado de salientar que essa educação não deveria abranger um longo período, tendo em vista que o tempo era curto.⁷

Em abril de 1873, J.N. Andrews expressou o consenso da liderança da igreja em seu editorial na *Review and Herald*: “Os



apelos que vêm de todos os lados, de homens que falam outros idiomas, devem ser atendidos. Não podemos fazer isso nas atuais circunstâncias. Mas podemos fazê-lo se o Senhor abençoar nosso esforço no estabelecimento de uma escola devida. Estamos muito atrasados neste esforço.”⁸

Em 1874, a denominação enviou seu primeiro missionário oficial, J. N. Andrews, a uma terra estrangeira e abriu sua primeira instituição de ensino superior – o Battle Creek College. Esses eventos estão intimamente ligados. Afinal, o objetivo principal da primeira instituição educacional da denominação era treinar seus membros para espalhar a mensagem do terceiro anjo. Portanto, é justo que a primeira instituição adventista de ensino superior tivesse finalmente o seu nome mudado para “Andrews University”, em homenagem ao primeiro missionário oficial do adventismo.

Mas nem tudo estava bem no Battle Creek College no final da década de 1870. Os objetivos dos fundadores não estavam sendo cumpridos. Não havia nenhum curso obrigatório de Bíblia, nenhum treinamento prático ou missionário e nenhum equilíbrio físico e mental no currículo que era amplamente dominado pelos clássicos gregos e latinos e pela formação de professores para instituições públicas. Os catálogos da escola iam ainda mais longe ao anunciar que “não há nada nos cursos regulares de estudo, ou nas regras e práticas das disciplinas, que seja denominacional ou sectário. As palestras bíblicas são proferidas antes das aulas somente para aqueles que optaram por elas.” “Os diretores desta faculdade não se dispõem a discutir visões sectárias dos alunos, nem dão qualquer destaque a tais pontos de vista em seu trabalho escolar.”⁹

Reflexões que orientaram os objetivos da educação adventista

Por várias razões, as coisas foram de mal a pior no Battle Creek College, entre 1874 e 1881. Por fim, o impensável aconteceu: o colégio fechou as portas por um ano, sem nenhuma promessa de reabertura. Durante esse tempo, Ellen White emitiu vários testemunhos poderosos sobre a educação cristã, na tentativa de colocá-la de volta nos trilhos. “Se uma influência mundana tiver que dominar nossa escola”, ela escreveu, em dezembro de 1881, “seja ela então vendida aos mundanos, e assumam eles o total controle; e os que investiram seus recursos nessa instituição estabelecerão outra escola para ser dirigida, não de acordo com o plano das escolas populares, nem segundo a vontade de diretores e mestres, mas de acordo com o plano especificado por Deus.”¹⁰

Três meses antes, ela havia dito claramente a seus ouvintes: “O Senhor nunca pretendeu que nosso colégio imitasse outras instituições de ensino. O elemento religioso deve ser a força que controla. Se os descrentes escolherem pôr-se ao alcance dessa influência, tudo bem; se aqueles que se acham em escuridão escolherem vir para a luz, será como Deus desejar. Mas afrouxar nossa vigilância e permitir que influências mundanas assumam o controle, a fim de atrair maior número de estudantes, é contrário à vontade de Deus. *A força de nossa escola está em manter o elemento religioso em ascendência.*”¹¹

Ellen White não tinha a menor dúvida de que o objetivo central do colégio era treinar obreiros da igreja. Por outro lado,

ela não defendia uma escola bíblica acanhada ou um currículo de instituto bíblico. Em seu enérgico discurso, em dezembro de 1881, dirigido à Associação Geral e à liderança educacional, ela afirmou: “O propósito de Deus foi dado a conhecer – que nosso povo tenha a oportunidade de estudar as ciências, aprendendo *ao mesmo tempo* os reclamos de Sua Palavra.”¹² Seu conselho geral apontou para uma educação de base ampla em que os alunos estudariam ciências e artes no contexto de uma cosmovisão bíblica. Essa posição ficou evidente no embate de 1885, na South Lancaster Academy, quando S. N. Haskell e outros procuraram tornar o currículo especificamente religioso.¹³ Ao longo dos anos, ela e outros líderes educacionais levaram o adventismo a adotar uma abordagem às artes liberais sob orientação religiosa para os estudos no ensino superior.

Colocando Cristo no centro

O verdadeiro ponto da virada na educação adventista veio na década de 1890. No início da década, foi realizada a convenção educacional de Harbor Springs, no norte do Michigan. Assim como os institutos ministeriais da Associação Geral, no período pós-1888, ajudaram os pastores a reconhecerem a centralidade de Cristo e Sua justiça no adventismo, da mesma maneira, a convenção de Harbor Springs ajudou os educadores adventistas a verem a centralidade de Cristo para o currículo acadêmico da denominação.

Olhando para trás, em 1893, o líder educacional da igreja, W. W. Prescott, proclamou em uma sessão da Associação Geral que Harbor Springs havia promovido uma virada na educação adventista. “Embora o propósito geral até aquele momento”, afirmou ele, “houvesse sido o de ter um elemento religioso em nossas escolas, embora até mesmo em nossa escola, agora, como nunca antes, nosso trabalho tem-se estabelecido sobre essa base *de forma prática*, (em vez de teórica), mostrando-se em cursos de estudo e planos de trabalho como nunca anteriormente.”¹⁴

Três meses após a convenção de Harbor Springs, Ellen White embarcou para a Austrália levando consigo uma conscientização mais ampla das possibilidades de uma educação cristã e das implicações do evangelho para a educação. Enquanto estava na Austrália, ela teve uma oportunidade única de influenciar a Escola Avondale para Obreiros Cristãos a se desenvolver de acordo com os princípios enunciados em Harbor Springs.

A Escola Avondale se agiganta na história educacional adventista porque Ellen White a viu como um “exemplo” ou “padrão” para outras instituições educacionais da igreja.¹⁵ Milton Hook, em seu extenso estudo sobre os seis primeiros anos da Avondale, concluiu que os dois objetivos centrais a ela associados foram *a conversão e o desenvolvimento do caráter dos alunos e prepará-los para serem obreiros denominacionais.*¹⁶

Paralelo ao desenvolvimento de Avondale foi o impulso da missão do adventismo na década de 1890. Pela primeira vez, a denominação enviava missionários a todos os cantos do globo e estabelecia instituições médicas, educacionais e de publicações para reforçar essas missões. A expansão estimulou o rápido desenvolvimento da educação adventista em todos os níveis, sendo que a denominação cuidava de suas escolas ao redor do mundo, a fim de fornecer obreiros para seus projetos em rá-

pida expansão. No início de 1900, muitas dessas escolas haviam copiado Avondale incorporando a palavra “missionário” em seu nome (por exemplo, “Colégio Missionário de Washington” e “Colégio Missionário Emmanuel”).¹⁷

Outro efeito educacional dos anos de Ellen White na Austrália foi o início do sistema de ensino fundamental adventista. Como a frequência escolar era uma exigência na Austrália, ela escreveu para seu filho, W. C. White, em maio 1897: “Neste país, os pais são obrigados por lei a mandar os filhos à escola. Portanto, nas localidades onde há igreja, devem-se estabelecer escolas, mesmo que não haja mais de seis crianças para frequentá-las.”¹⁸

Seus conselhos inspiraram reformadores na América, incluindo E. A. Sutherland e Percy T. Magan, que imediatamente começaram a fomentar o rápido desenvolvimento de um sistema adventista de educação fundamental. Sob sua liderança e a de Frederick Griggs, proporcionar uma educação cristã para todos os jovens adventistas tornou-se um dos objetivos da igreja na década de 1910.¹⁹

Os pensamentos abalizados de Ellen White a respeito dos objetivos da educação

Outra consequência do envolvimento de Ellen White com os primórdios da Escola Avondale foi o fluxo constante de cartas relacionadas à educação e artigos de sua pena. Esses escritos, juntamente com a publicação de *Christian Education* [Educação Cristã], em 1893, e *Special Testimonies on Education* [Testemunhos Especiais sobre Educação], em 1897 (ambos compilados por W. W. Prescott), não só ajudaram a orientar o desenvolvimento das escolas adventistas já existentes, mas também tornaram os líderes adventistas e membros mais conscientes a respeito da educação cristã.

Os escritos de Ellen White sobre a educação, na década de 1890, também prepararam o caminho para a publicação de seus pensamentos já solidificados sobre o tema na obra *Educação* (1903). Nesse livro, mais do que em qualquer outro, ela abordou os principais objetivos e metas da educação, enquadrando a educação no contexto do Grande Conflito. Com traços magistrais, ela recontou a história de Gênesis 1-3, em termos educacionais, concluindo que “restaurar no homem a imagem de seu Autor, levá-lo de novo à perfeição em que fora criado, promover o desenvolvimento do corpo, espírito e alma, para que se pudesse realizar o propósito divino da sua criação – tal deveria ser a obra da redenção. Este é o objetivo da educação, o grande objetivo da vida”. Novamente ela escreveu: “No mais alto sentido, a obra da educação e da redenção são uma [...]; auxiliar o estudante a compreender estes princípios e entrar com Cristo naquela relação especial que fará daqueles princípios uma força diretriz da vida. O professor que aceita este objetivo é em verdade um cooperador de Cristo, um coobreiro de Deus.”²⁰

Além de tornar a conversão o objetivo principal da educação cristã, o livro *Educação* deixou claro que o objetivo máximo da educação adventista é o *serviço*. “Nossas ideias acerca da educação”, ela escreveu, “têm sido demasiadamente acanhadas [...]. A verdadeira educação significa mais do que a prossecução de um certo curso de estudos. Significa mais do que a preparação

para a vida presente. Visa o ser todo, e todo o período da existência possível ao homem. É o desenvolvimento harmônico das faculdades físicas, intelectuais e espirituais. *Prepara o estudante para o gozo do serviço neste mundo, e para aquela alegria mais elevada por um mais dilatado serviço no mundo vindouro.*”²¹

Dentro do contexto do objetivo primordial da educação, como a conversão, e do seu objetivo final, como o serviço a Deus e aos outros, Ellen White discutiu objetivos intermediários, como o desenvolvimento do caráter, o papel do trabalho e a compreensão cristã da história, literatura, ciências e o conhecimento bíblico. Sob sua perspectiva, todos esses objetivos intermediários estavam baseados em uma experiência de conversão e eram essenciais no preparo dos jovens para o serviço.

Adaptações para o século 20

A natureza mutável da educação e do trabalho no século 20 levou a um grande ajuste na maneira de alcançar os objetivos da educação adventista. Com o passar do tempo, tanto o trabalho como a educação se tornaram mais profissionais. Isso criou tensões na denominação.

De um lado da questão, estavam educadores como E. A. Sutherland, que lideraram ideias para abolir os certificados acadêmicos do Battle Creek College, no final da década de 1890. Naquela época, os certificados não eram necessários para entrar em áreas como medicina, educação, enfermagem, ministério ou no mundo dos negócios e do governo. Em 1899, Sutherland escreveu que “o primeiro *certificado* foi concedido por um papa” e que os certificados eram “germes” da doença que se entranhava no protestantismo, do qual a mensagem do terceiro anjo chamava as pessoas. Em 1915, ele afirmou que “qualquer escola adventista do sétimo dia que concede certificados convida, assim, a inspeção do Estado, devendo, aceitar o padrão do mundo e entrar em conformidade com o sistema mundano de educação”. Estava chegando o tempo, ele alegava, em que os certificados seriam concedidos diretamente pelo papado e constituiriam “um selo ou a marca da besta”.²²

No entanto, ao mesmo tempo em que Sutherland fazia esse pronunciamento, o profissionalismo e a educação iam sendo transformados. Um caso em questão era a medicina. Em 1910, o Relatório Flexner expôs o estado deplorável da educação médica nos Estados Unidos e finalmente levou ao fechamento de mais da metade das escolas médicas do país. Usando esse relatório, a Associação Médica Americana (AMA) avaliou uma Faculdade de Evangelistas Médicos do adventismo, ainda emergente (Loma Linda, Califórnia), em 1911, e deu-lhe a classificação mais baixa possível. A escola médica teria que conseguir uma classificação superior ou seria fechada, pois, sem a aprovação da AMA seus graduados não poderiam exercer a medicina. Conseguir uma pontuação maior, no entanto, significava que as escolas que enviassem alunos para Loma Linda também deveriam ser acreditadas por órgãos regionais. Assim, a questão de conceder certificados evoluiu para uma questão de reconhecimento.²³

Decidir como se relacionar com essas expansões dividiu a liderança adventista. Alguns acreditavam que a igreja deveria treinar instrutores bíblicos em Loma Linda e oferecer trata-

mentos naturais, enquanto outros pensavam que a igreja precisava treinar médicos totalmente certificados. Em sua preocupação, eles levaram o assunto a Ellen White, cuja resposta foi inequívoca. “Devemos”, ela afirmou, “proporcionar o que for essencial para habilitar nossos jovens que desejem ser médicos, de maneira que se preparem inteligentemente para enfrentar os exames exigidos para demonstrar sua eficiência como médicos, [...] temos de prover tudo que seja exigido, de maneira que esses jovens não sejam compelidos a ir para escolas de medicina dirigidas por homens que não são de nossa fé.”²⁴

Ela percebeu que isso também afetaria os colégios adventistas. “Nossas escolas missionárias das maiores Uniões, em várias partes do Campo, devem ser aparelhadas de maneira a habilitar nossos jovens a satisfazerem as exigências de admissão especificadas pelo Estado quanto aos estudantes de medicina. [...] Os jovens [...] devem poder alcançar em nossas escolas missionárias das Uniões tudo quanto é necessário a fim de entrar em uma escola de medicina, [...] e conquanto haja exigências legais que tornem necessário que os alunos de medicina façam determinado curso preparatório, nossas escolas superiores devem tomar providências para levar os alunos a alcançarem o preparo literário e científico necessário.”²⁵

Esse conselho proveu a base para o posterior reconhecimento das faculdades adventistas. Ele também trazia uma ênfase contínua acerca do propósito do serviço na educação adventista, desde meados do século 20, quando certificados reconhecidos passaram a ser necessários para um grande número de profissões. Os tempos tinham mudado e, felizmente, o sistema educacional da igreja estava em condições de enfrentar essas mudanças, ao continuar a preparar jovens para o serviço.

Conclusão

Por que manter as escolas adventistas?

Os pioneiros adventistas acreditavam claramente que suas escolas existiam para pregar a mensagem do terceiro anjo e fazer o trabalho da igreja. De acordo com Ellen White, *o objetivo máximo da educação é o “serviço”*.

Entretanto, ser capaz de servir implica em treinamento no âmbito intelectual e moral. Os pioneiros geralmente concordavam que (1) o desenvolvimento do caráter era crucial, que (2) os ramos comuns do estudo, bem como as artes e as ciências, eram importantes e que (3) a cosmovisão bíblica deve fornecer a matriz na qual a compreensão cristã tenha lugar.

Assim, embora os primeiros adventistas concordassem em grande parte com o objetivo final da educação cristã, como sendo o serviço, e com os objetivos instrumentais, como o desenvolvimento do caráter e a aquisição de conhecimento a partir de uma perspectiva bíblica, foi Ellen White quem forneceu aos educadores da igreja o *objetivo principal* da educação cristã quando comparou a verdadeira educação com a *redenção*. Além disso, ela forneceu à denominação os meios para cumprir seu objetivo último de serviço a Deus e à humanidade em um mundo moderno, quando aconselhou a igreja a prosseguir na direção de programas reconhecidos.

A Igreja Adventista, no final do século 19 e início do século 20, foi repetidamente forçada a deixar claro os seus objetivos educacionais. A Igreja Adventista do século 21 precisa manter

seus olhos fixos nesses objetivos, ao procurar servir a sociedade contemporânea. ✍



George R. Knight, EdD, é Professor Emérito de História da Igreja na Universidade Andrews, em Berrien Springs, no Michigan, EUA. O Dr. Knight tem escrito e editado vários livros e artigos sobre a história e a educação adventista.

NOTAS E REFERÊNCIAS

1. “Questions and Answers”, *Review and Herald* (23 de dezembro de 1862): 29.
2. *Ibid.*
3. Ellen G. White, *Fundamentos da Educação Cristã* (<https://egwwritings.org/>), p. 45.
4. Comissão Escolar, “The Proposed School”, *Review and Herald* (7 de maio de 1872): 168 (itálicos acrescentados).
5. White, *Fundamentos da Educação Cristã* (<https://egwwritings.org/>), p. 45, 46.
6. Ver *ibid.*, p. 15-46; George Knight, “Ellen G. White: Prophet”, em *Early Adventist Educators*, George R. Knight, ed. (Berrien Springs, Mich.: Andrews University Press, 1983), p. 27-30.
7. Tiago White, “Conference Address Before the General Conference of S. D. Adventists”, 11 de março de 1873”, *Review and Herald* (20 de maio de 1873), p. 189, 181.
8. J. N. Andrews, “Our Proposed School”, *Review and Herald* (1 de abril de 1873), p. 124; cf. G. I. Butler, “What Use Shall We Make of Our School?” *Review and Herald* (21 de setembro de 1874): 44, 45.
9. *Catálogo do Battle Creek College, 1876-1877*, p. 10; 1879-1880, p. 6.
10. Ellen G. White, *Testemunhos para a Igreja* (<https://egwwritings.org/>), vol. 5, p. 25, 26.
11. *Ibid.*, p. 14 (itálicos acrescentados).
12. *Ibid.*, p. 21 (itálicos acrescentados).
13. Ver Myron F. Wehtje, *And There Was Light: A History of South Lancaster Academy, Lancaster Junior College, and Atlantic Union College* (South Lancaster, Mass.: Atlantic Press, 1982), p. 64-84; George R. Knight, “As Raízes Missiológicas da Educação Adventista de Ensino Superior e a Tensão entre a Missão Adventista e Visão Acadêmica”, *Revista da Educação Adventista*, 70:3 (Abril/Maio de 2008):20-28.
14. W. W. Prescott, “Report of the Educational Secretary”, *Daily Bulletin of the General Conference* (23 de fev., 1893), p. 350.
15. Ellen G. White, *Life Sketches of Ellen G. White* (Mountain View, Calif.: Pacific Press Publ. Assn., 1943), p. 374; Ellen G. White, *Diary*, MS 92, 1900.
16. Ver Milton Hook, “The Avondale School and Adventist Educational Goals, 1894-1900”, EdD Dissertation, Andrews University, 1978.
17. Ver George R. Knight, “As Dinâmicas da Expansão da Educação”, *Revista da Educação Adventista* 52:4 (Abril/Maio de 1990):13-19, 44, 45.
18. Ellen G. White para W. C. White, 5 maio de 1897; cf. White, *Testemunhos*, vol. 6, p. 198, 199.
19. Ver Warren S. Ashworth, “Edward Alexander Sutherland and Seventh-day Adventist Educational Reform: The Denominational Years, 1890-1904”, PhD Dissertation, Andrews University, 1986; Arnold C. Reye, “Frederick Griggs: Seventh-day Adventist Educator and Administrator”, PhD Dissertation, Andrews University, 1984.
20. Ellen G. White, *Educação* (<https://egwwritings.org/>), p. 15, 16, 30 (itálicos acrescentados).
21. *Ibid.*, p. 13 (itálicos acrescentados), cf. p. 309.
22. E. A. Sutherland, “Why the Battle Creek College Can Not Confer Degrees”, *Review and Herald* (10 de outubro de 1899):655; (14 de novembro de 1899):740; E. A. Sutherland, *Studies in Christian Education*, reimpresso (Payson, Ariz.: Leaves-of-Autumn Books, 1977), p. 137, 138.
23. Para mais informação sobre o embate em torno do reconhecimento, ver George R. Knight, *Mitos na educação adventista: Um estudo interpretativo da educação nos escritos de Ellen G. White*. (São Paulo: Unaspress, 2007), p. 33-41.
24. E. G. White, carta reproduzida em “Uma Escola Médica em Loma Linda”, *Review and Herald* (19 de maio de 1910):18; cf. Ellen G. White, *Conselhos aos Professores, Pais e Estudantes* (<https://egwwritings.org/>), p. 480.
25. White, *Conselhos aos Professores, Pais e Estudantes*, op. cit., p. 479, 480.